

ES/4447-2305

13.25.53
1.17
14.52.53

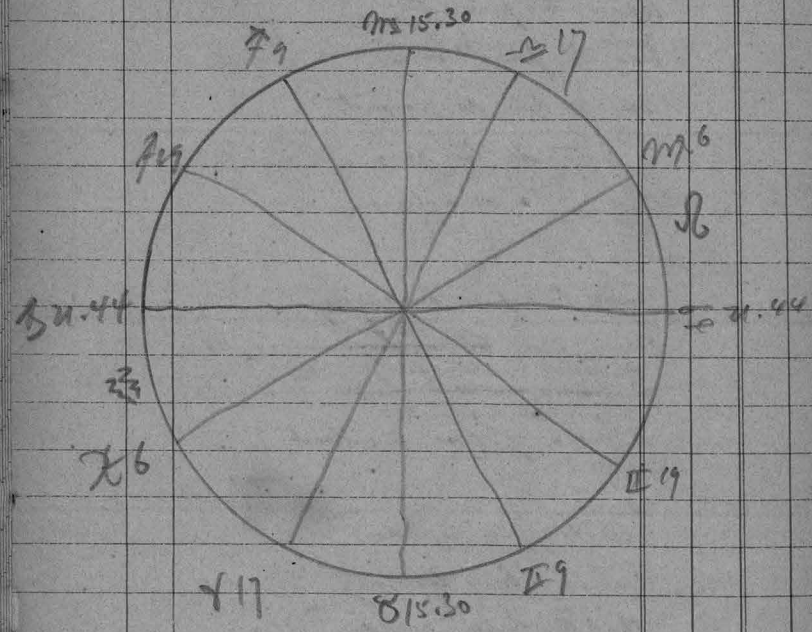
Cont
P. 5
C. 3

Alvaro de Campos

pag 27 ~ ~~27 de Fevereiro~~

13 Ont a' 1.17 da tarde

13 Ont, 1890 - 1.17 p.m.



ÁLVARO DE CAMPOS
OBRA COMPLETA



FERNANDO PESSOA

EDIÇÃO DE
JERÓNIMO PIZARRO · ANTONIO CARDIELLO

COLABORAÇÃO
JORGE URIBE · FILIPA FREITAS

COORDENADOR DA COLECÇÃO
JERÓNIMO PIZARRO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIV

© Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, 2014.

Título: *Obra Completa*
Autor: Álvaro de Campos
Edição: Tinta-da-china
Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china

www.tintadachina.pt

Todos os direitos desta edição
reservados à Tinta-da-china
Rua Francisco Ferrer, n.º 6-A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9
E-mail: info@tintadachina.pt
info@tintadachina.pt

1.ª edição: Setembro de 2014
ISBN 978-989-671-232-7
DEPÓSITO LEGAL n.º 380559/14

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO • 9

POESIA

1. POEMAS • 31
2. POST-SCRIPTUM • 329
- ANEXOS • 351

PROSA

1. PUBLICADA EM VIDA • 401
2. NOTAS PARA A RECORDAÇÃO DO MEU MESTRE CAEIRO • 451
3. NÃO PUBLICADA • 489
4. ENTREVISTA • 519
5. CORRESPONDÊNCIA • 531
6. PREFÁCIOS • 553
7. OUTROS TEXTOS • 563
- ANEXOS • 569

NOTAS • 595

ORDEM TOPOGRÁFICA DAS COTAS • 719

ÍNDICE DOS PRIMEIROS VERSOS • 723

ÍNDICE ONOMÁSTICO • 737

BIBLIOGRAFIA • 741

NOTAS BIOGRÁFICAS • 747

APRESENTAÇÃO

JERÓNIMO PIZARRO
ANTONIO CARDIELLO

Álvaro de Campos tem sido o centro de longas batalhas campais e essas guerras, amplamente inúteis, relegaram para segundo plano os seus poemas, sem os quais a moderna poesia portuguesa seria impensável, e atrasaram a publicação da sua prosa, que saiu pela primeira vez apenas em 2012, quase 70 anos após o aparecimento dos 102 poemas reunidos em *Poesias* (1944). O presente volume, a primeira edição de um *Álvaro de Campos Completo*, ou da sua *Obra Completa*, não pretende tomar parte dessas guerras campais – embora proponha, por exemplo, uma nova organização interna das grandes odes –, preferindo trazer para primeiro plano os textos atribuídos ou atribuíveis a este heterónimo, convidando assim à sua leitura total. As querelas continuarão, porque cada editor propõe uma selecção textual – e há os textos que *claramente são* e os textos que *poderão ser* de Campos (cf. os Anexos) –, mas o importante é ler Pessoa com uma visão de conjunto. Este volume vem oferecer, precisamente, a possibilidade de ler a obra integral de Campos – à excepção de alguns textos que considerámos «Clearly non-Campos» – e de articular o «Livro de Versos», que Pessoa projectou intitular «Intervallos», com o «Livro de Prosa», que designaria de «Episódios»^a. Campos, uma das «ficções de interludio» criadas por Pessoa – sendo as outras Alberto Caeiro e Ricardo Reis –, é o autor desses intervallos, que são os seus poemas, nomeadamente depois da fase das grandes odes,

^a Existe um fragmento de folha de papel quadriculada manuscrito a lápis, conservado por Manuela Nogueira, em que Pessoa esboça essa divisão em dois livros; ver os documentos fac-similados depois da Apresentação.

e desses episódios, que são os seus textos em prosa, por vezes considerados como acidentes do destino. Como introdução aos livros de Campos, Pessoa parece ter-nos legado a seguinte nota, em jeito de epígrafe: «Alvaro de Campos é o personagem de uma peça; o que falta é a peça.»^a

*

De Campos existem muitos retratos, visto que tanto Pessoa como os seus críticos têm sentido a necessidade de lhe conferir uma mínima densidade ficcional. Pessoa fê-lo em diversos momentos, quer num folheto de 1915 de Frederico Reis sobre a Escola de Lisboa (porque Campos, inicialmente, não teria nascido em Tavira), em que Campos «é o que os futuristas quiseram ser, e mais alguma cousa»; quer na «Tábua Bibliográfica» de 1928, em que se lê que «Alvaro de Campos, nascido em 1890 [...] isolou o lado por assim dizer emotivo [na orientação de Caeiro], a que chamou 'sensacionista'» e produziu – «ligando-o a influências diversas, em que predomina, ainda que abaixo da de Caeiro, a de Walt Whitman» – «diversas composições, em geral de índole escandalosa e irritante, sobretudo para Fernando Pessoa, que, em todo o caso, não tem remédio senão faze-las e publicá-las, por mais que dellas discorde»^b; quer na famosa carta de 13 de Janeiro de 1935, em que se encontra a descrição mais completa, e aqui sinteticamente relembra: «Alvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de Outubro de 1890 [...] é engenheiro naval (por Glasgow) [...] é alto (1m, 75 de altura – mais 2 cm. do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se [...] [é] entre branco e moreno, typo vagamente de judeu portuguez, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monoculo [...] teve uma educação vulgar de lyceu; depois foi

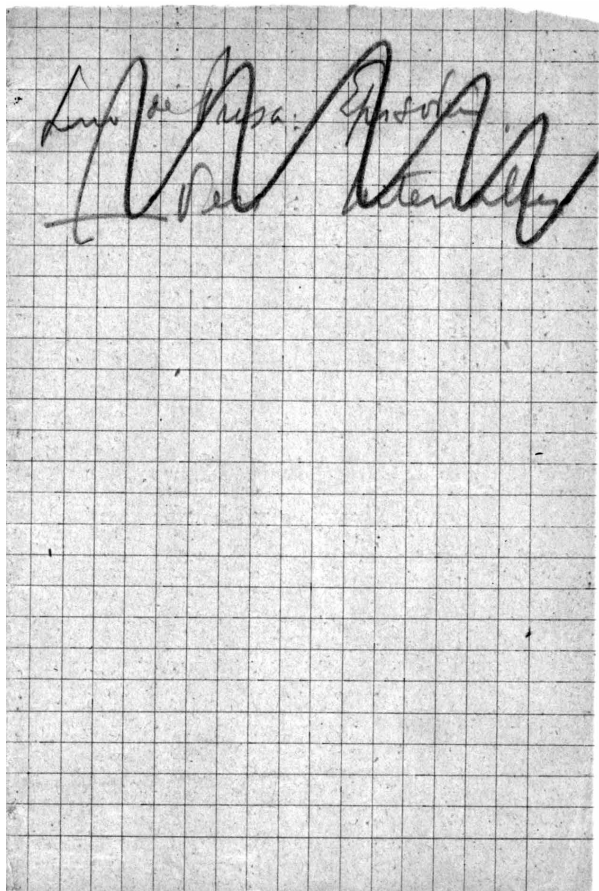
a Ver o fac-símile deste apontamento em *Prosa de Álvaro de Campos* (2012, p. 27). Convém lembrar que Pessoa escrevia «Alvaro» sem acento.

b Mantém-se a ortografia da revista *Presença* («faze-las» sem acento, por exemplo).

mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mechanica e depois naval.»^a No retrato que podemos considerar mais positivo, Campos é o Engenheiro Naval e Poeta Futurista da época das revistas *Orpheu e Portugal Futurista*, que com vinte e tal anos ficou conhecido pela «Ode Marítima» e o «Ultimatum». E é o autor, entre outras, de duas cartas provocatórias: uma, não enviada, para Marinetti; outra, dirigida ao director d'*A Capital*, que gerou uma polémica pública, embora o jornal só dela tenha reproduzido umas poucas linhas.

Mas Campos é também o eu lírico de «Tabacaria» e outros poemas, o protagonista de um longo e desencantado «Canto de mim mesmo», o herói de uma «apothose ás avessas» (71), de onde se depreende um retrato bem menos triunfal. Enquanto na carta de 13 de Janeiro de 1935 Pessoa escreve: «Sou, de facto, um nacionalista mystico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradicção com isso, muitas outras coisas» (*Eu Sou Uma Antologia*, 2013, p. 641), confirmando assim a sua posição patriótica – a do autor de *Mensagem* –, mas frisando ser contraditório e diverso; Campos, em «Tabacaria», declara: «Não sou nada. | Nunca serei nada. | Não posso querer ser nada. | À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo» (43). Enquanto Pessoa assume ser «alguém», mas insiste em ser «muitas outras coisas», Campos afirma não ser nada, mas ter em si todos os sonhos do mundo. E o que é isso que Campos assegura não ser? A pergunta é retórica, mas é-o num sentido técnico. Repare-se que a frase inicial não é «Eu sou nada», que seria uma afirmação, mas «Não sou nada», que é uma dupla negação; e que este tipo de estrutura dá origem a uma possível inferência: se não é nada, então é tudo? A inferência não é necessária – pode-se não ser nada sem ser tudo –, mas é reforçada porque «à parte isso» – e é sempre «à parte isso» – Campos declara ter em si todos os sonhos do mundo, tal como afirma ser um «irmão em Universo» de

a Todas as citações deste parágrafo provêm do livro *Eu Sou Uma Antologia* (2013, pp. 436, 638-639, 648-649).



POESIA

1

POEMAS

Tão pouco heraldica a vida!
Tão sem thronos e ouropeis quotidianos!
Tão de si propria ôca, tão do sentir-se despida,
Afogae-me, ó ruido da acção, no som dos vossos oceanos!

5 Sede abençoados, ◇ carros, comboios e trens,
Respirar regular de fabricas, motores trementes a atroar
Com vossa chronica ◇
Sêde abençoados, vós occultaes-me a mim...

Vós occultaes o silencio real e inteiro da Hora
10 Vós dispersaes em som minucioso o mysterio
Aquelle que dentro de mim quasi grita, quasi, quasi que chora
Dorme em vosso embalar ferreo,

Levae-me para longe de eu saber que vivo e que sinto
Enchei de banal e de material o meu ouvido vosso
15 A vida que eu vivo – ó ◇ – é a vida que me minto
Só tenho aquillo que ◇, e só quero o que ter não posso.

a Versos encimados pela indicação: «The beginning of Alvaro de Campos».

2 [TREZ SONETOS]^a

[c. 1915]

I.

Quando ólho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio ás vezes ao sahir
Das proprias sensações que eu recebo.

5 O ar que respiro, este licôr que bebo
Pertencem ao meu modo de existir,
E eu nunca sei como hei-de concluir
As sensações que a meu pesar concebo.

Nem nunca, propriamente, reparei
10 Se na verdade sinto o que sinto. Eu
Serei tal qual pareço em mim? serei

Tal qual me julgo verdadeiramente?
Mesmo ante as sensações sou um pouco atheu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente.^b

II.

15 A Praça da Figueira de manhã,
Quando o dia é de sol (como acontece
Sempre em Lisboa), nunca em mim esquece,
Embora seja uma memoria vã.

Ha tanta coisa mais interessante
20 Que aquelle logar logico e plebeu!

a Assim intitulado no documento 48C-26, sob o título «Autoscopia», que reuniria «Trez sonetos», «Opiario» e «Carnaval», por esta ordem.

b Segue-se uma datação fictícia: «Lisboa, (uns seis a sete mezes antes do *Opiario*) Agosto 1913».

Mas amo aquillo, mesmo assim... Sei eu
Porque o amo? Não importa nada... Adeante!

Isto de sensações só vale a pena
Se a gente se não põe a olhar para ellas.
25 Nenhuma d'ellas em mim é serena...

De resto, nada em mim é certo e está
De accordo consigo proprio... As horas bellas
São as dos outros, ou as que não ha.^a

III^b

Olha, Daisy: quando eu morrer tu has de
30 Dizer aos meus amigos ahi de Londres,
Embora não o sintas, que tu escondes
A grande dôr da minha morte. Irás de

Londres p'ra York, onde nasceste (dizes...
Que eu nada que tu digas acredito),
35 Contar áquelle pobre rapazito
Que me deu tantas horas tão felizes,

Embora não o saibas, que morri...
Mesmo elle, a quem eu tanto julguei amar,
Nada se importará... Depois vae dar

a Segue-se esta informação: «Londres (uns cinco mezes antes do *Opiario*) Outubro 1913».

b Destes «Trez sonetos» — assim referidos em 48C-26', 48-29' e 144Y-62' —, este, o terceiro, foi publicado com o título «Soneto já antigo» na revista *Contemporanea*, n.º 6, Lisboa, Dezembro de 1922, p. 121. Pessoa projectou, por volta de 1917 e com hesitação, dedicar o primeiro soneto a Raul de Campos (144Y-62') e o terceiro a Daisy M., esclarecendo, por baixo, «M.» ser «Mason» (144Y-62'). Noutro esquema anterior (48C-26'), equacionou dedicar os três poemas a «Fernando Pessoa», com o acento circunflexo que abandonaria em 1916. Com o título «Soneto já antigo», também foi encimado o soneto II em dois testemunhos dactilografados (16A-23' e 23').

40 A noticia a essa extranha Cecily
Que acreditava que eu seria grande...
Raios partam a vida e quem lá ande!^a

3 OPIÁRIO

[c. 1915]

Ao senhor Mário de Sá-Carneiro^b

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiôla
E eu vou buscar ao ópio que consôla
Um Oriente ao oriente do Oriente.

5 Esta vida de bórdo ha-de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoêça,
Já não encontro a móla pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral
10 Eu vivo a vincos d'ouro a minha vida,
Onda onde o pundonôr é uma descida
E os próprios gosos ganglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres,
Uma engrenagem com volantes falsos,
15 Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde ha flores no ar, sem hastes.

a Seguem-se estes dados: «(A bordo do navio em que embarcou para o Oriente; uns quatro mezes antes do *Opiario*, portanto) Dezembro 1913».

b Depois do suicídio de Mário de Sá-Carneiro, a 26 de Abril de 1916, o poema ia ser dedicado a Fernando Pessoa, tal como figura em dois esquemas posteriores: 144Y-62' e 48C-26'.

Vou cambaleando através do lavôr
Duma vida-interior de renda e láca.
Tenho a impressão de ter em casa a fáca
20 Com que foi degolado o Precursôr.

Ando expiando um crime numa mála,
Que um avô meu cometeu por requinte.
Tenho os nervos na fôrca, vinte e vinte,
E caí no ópio como numa vála.

25 Ao toque adormecido da morfina
Perco-me em transparências latejantes
E numa noite cheia de brilhantes
Ergue-se a lua como a minha Sina.

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora
30 Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, anfora na aurora.

Perdi os dias que já aproveitara.
Trabalhei para ter só o cansaço
35 Que é hoje em mim uma especie de braço
Que ao meu pescôço me sufoca e ampara.

E fui criança como toda a gente.
Nasci numa provincia portugûesa
E tenho conhecido gente inglêsa
40 Que diz que eu sei inglês perfeitamente.

Gostava de ter poêmas e novélas
Publicados por Plon e no *Mercvre*,
Mas é impossível que esta vida dure.
Se nesta viagem nem houve procélas!

45 A vida a bórdo é uma coisa triste
Embora a gente se divirta ás vezes.
Falo com alemães, suecos e inglêses
E a minha mágoa de viver persiste.

Eu acho que não vale a pena ter
50 Ido ao Oriente e visto a India e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E ha só uma maneira de viver.

Porisso eu tomo ópio. É um remedio.
Sou um convalescente do Momento.
55 Móro no rés-do-chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, emfim,
Muito a leste não fosse o oeste já!
Pra que fui visitar a India que ha
60 Se não ha India senão a alma em mim?

Sou desgraçado por meu morgadío.
Os ciganos roubaram minha Sorte
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte
Um lugar que me abrigue do meu frio.

65 Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escóssia. Visitei a Irlanda.

Meu coração é uma avòzinha que anda
Pedindo esmóla ás portas da Alegria.

Não chegues a Port-Said, navio de ferro!
70 Volta á direita, nem eu sei para onde.
Passo os dias no *smoking-room* com o conde –
Um *escroc* francês, conde de fim de enterro.

Volto á Europa descontente, e em sortes
De vir a ser um poeta sonambólico.
75 Eu sou monarquico mas não católico
E gostava de ser as coisas fortes.

Gostava de ter crenças e dinheiro,
Ser varia gente insipida que vi.
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,
80 Num navio qualquer um passageiro.

Não tenho personalidade alguma.
É mais notado que eu êsse criado
De bórdo que tem um belo modo alçado
De *laird* escossez ha dias em jejum.

85 Não posso estar em parte alguma. A minha
Patria é onde não estou. Sou doente e fraco.
O comissário de bórdo é velhaco.
Viu-me co'a sueca... e o resto êle adivinha.

Um dia faço escândalo cá a bórdo,
90 Só para dar que falar de mim aos mais.
Não posso com a vida, e acho fatais
As iras com que ás vezes me debórdo.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
95 E eu já tão bêbado sem nada! Dêsem
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Escrevo estas linhas. Parece impossível
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!
O facto é que esta vida é uma quinta
100 Onde se aborrece uma alma sensível.

Os ingleses são feitos pra existir.
Não ha gente como esta pra estar feita
Com a Tranquilidade. A gente deita
Um vintém e sai um dêles a sorrir.

105 Pertença a um genero de portugueses
Que depois de estar a India descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vêzes.

Leve o diabo a vida e a gente tê-la!
110 Nem leio o livro á minha cabeceira.
Enoja-me o Oriente. É uma esteira
Que a gente enrôla e deixa de ser bêla.

Caio no ópio por força. Lá querer
Que eu leve a limpo uma vida destas
115 Não se pode exigir. Almas honestas
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.
Porque estes nêrvos são a minha morte.
Não haver um navio que me transporte
120 Para onde eu nada queira que o não vêja!

Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.
Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali
Para sonhos que dessem cabo de mim
E pregassem comigo nalgum lôdo.

125 Febre! Se isto que tenho não é febre,
Não sei como é que se tem febre e sente.
O facto essencial é que estou doente.
Está corrida, amigos, esta lebre.

Veio a noite. Tocou já a primeira
130 Corneta, pra vestir para o jantar.
Vida social por cima! Isso! E marchar
Até que a gente saia pla coleira!

Porque isto acaba mal e ha-de haver
(Olá!) sangue e um revólver lá pró fim
135 Dêste desassossego que ha em mim
E não ha forma de se resolver.

E quem me olhar, ha-de me achar banal,
A mim e á minha vida... Ora! um rapaz...
O meu proprio monóculo me faz
140 Pertencer a um tipo universal.

Ah quanta alma haverá, que ande metida
Assim como eu na Linha, e como eu mística!

Quantos sob a casaca carateristica
Não terão como eu o horrôr á vida?

145 Se ao menos eu por fóra fôsse tão
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstrom, cada vês mais pró centro.
Não fazer nada é a minha perdição.

Um inutil. Mas é tão justo sê-lo!
150 Pudesse a gente desprezar os outros
E, ainda que co'os cotovêlos rôtos,
Ser heroi, doido, amaldiçoado ou bélo!

Tenho vontade de levar as mãos
Á bôca e morder nélas fundo e a mal.
155 Era uma ocupação original
E distraía os outros, os tais sãos.

O absurdo como uma flôr da tal India
Que não vim encontrar na India, nasce
No meu cérebro farto de cansar-se.
160 A minha vida mude-a Deus ou finde-a...

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,
Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,
Mas faltam-me o sossego, o chá e a esteira.

165 Ah que bom que era ir daqui de caída
Prá cova por um alçapão de estouro!
A vida sabe-me a tabaco louro.
Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,
170 E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas –
E basta de comedias na minh'alma!^a

CARNAVAL^b

4

A vida é uma tremenda bebedeira.
Eu nunca tiro d'ella outra impressão.
Passo nas ruas, tenho a sensação
De um carnaval cheio de côr e poeira...

4a
[c. 1915]

5 A cada hora tenho a dolorosa
Sensação, agradável todavia,
De ir aos encontrões travez a alegria
D'uma plebe farçante e copiosa...

Cada momento é um carnaval immenso,
10 Em que ando misturado sem querer.
Se penso nisto maça-me viver
E eu, que amo a intensidade, acho isto intenso

De mais... Balburdia que entra pela cabeça
Dentro a quem quer parar um só momento
15 Em ver o que é que faz ao pensamento
Antes que o ser e a lucidez lhe esqueça...

a Segue-se esta informação fictícia: «1914, Março. No canal de Sués, a bordo». Na viagem de regresso de Durban a Lisboa, em 1905, o jovem Pessoa passou por esse canal.

b No cabeçalho figura a indicação «Autoscopia II. Carnaval». Como já se referiu, «Autoscopia» ia ser o título geral de três composições poéticas: «Trez sonetos», «Opiario» e «Carnaval» (cf. 48C-26').

Automoveis, vehiculos, ◇
As ruas cheias, ◇
Fitas de cinema correndo sempre
20 E nunca tendo um sentido preciso.

Julgo-me bebado, sinto-me confuso,
Cambaleio nas minhas sensações,
Sinto uma subita falta de corrimões
No pleno dia da cidade ◇

25 Uma pandega esta existencia toda...
Que embrulhada se mette por mim dentro
E sempre em mim desloca o crente centro
Do meu psychismo, que anda sempre á roda...

E comtudo eu estou como ninguem
30 De amoroso accordo com isto tudo...
Não encontro em mim, quando em estudo,
Diferença entre mim e isto que tem

Esta balburdia de carnaval tolo,
Esta mistura de europeu e zulu
35 Este batuque tremendo e chulo
E elegantemente em desconsolo...

Que typos! Que agradaveis e antipathicos!
Como eu sou d'elles com um nojo a elles!
O mesmo tom europeu em nossas pelles
40 E o mesmo ar conjuga-nos ◇

Tenho ás vezes o todo de ser eu
Com esta forma de hoje e estas maneiras...
Gasto inuteis horas inteiras
A descobrir quem sou; e nunca deu

45 Resultado a pesquisa... Se ha um plano
Que eu forme, na vida que talho para mim
Antes que eu chegue d'esse plano ao fim
Será estar como antes fóra d'elle. É engano

A gente ter confiança em quem tem ser...
50 ◇

Ah, tudo isto é para dizer apenas
Que não estou bem na vida, e quero ir
Para um logar mais socegado, ouvir
Correr os rios e não ter mais penas.

5 Sim, estou farto do corpo e da alma
Que esse corpo contem, ou é, ou faz-se...
Cada momento é um corpo no que nasce...
Mas o que importa é que não tenho calma.

Não tenciono escrever outro poema
10 Tenciono só dizer que me aborreço
A hora a hora minha vida meço
E acho-a um lamentavel estratagem

De Deus para com o bocado da materia
Que resolveu tomar para meu corpo...

4b
[c. 1915]

15 Todo o conteúdo de mim é porco
E de uma chatíssima miséria.

Só é decente ser outra pessoa,
Mas isso é porque a gente vê por fora...
Qualquer coisa em mim parece agora

20 ◇

4c É Carnaval, e estão as ruas cheias
[Post. 1915] De gente que conserva a sensação,
Tenho intenções, pensamentos, idéas,
Mas não posso ter máscara nem pão.

5 Esta gente é igual, eu sou diverso –
Mesmo entre os poetas não me aceitariam.
Às vezes nem sequer ponho isto em verso –
E o que digo, elles nunca assim diriam.

10 Que pouca gente a muita gente aqui!
Estou cansado, com cerebro e cansaço.
Vejo isto, e fico, extremamente aqui,
Sósinho com o tempo e com o espaço.

De traz de mascaras nosso ser espreita,
De traz de boccas um mysterio acode
15 Que meus versos anodynos engeita.
◇

Sou maior ou menor? Com mãos e pés
E bocca fallo e mexo-me no mundo.

Hoje, que todos são mascaras, és
20 Um ser mascara-gestos, em tão fundo...^a

Aquella falsa e triste similhaça
Entre quem julgo ser e quem eu sou.
Sou a mascara que volve a ser creança
Mas reconheço, adulto, aonde eu estou,

5 Isto não é o Carnaval, nem eu.
Tenho vontade de dormir, e ando.
O que passa, ondeando, em torno meu,
Passa ◇

Dormir, despir-me d'este mundo ultraje,
10 Como quem despe um dominó roubado
Despir a alma postiça como a um traje
◇

Tenho náusea carnal do meu destino.
Quasi me cança me cançar. E vou,
15 Anónimo, ◇ menino,
Por meu ser fora à busca de quem sou.

a Decidimos não incluir uns versos lacunares, em fase de rascunho e de difícil leitura (64-75), que costumam formar parte da série de fragmentos de «Carnaval». Têm um interesse documental e muitas das leituras propostas até à data são altamente conjecturais.

4d
[Post. 1915]

5 ODE TRIUNFAL^a

[1914]^b

Á dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, féra para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

5 Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r-r* eterno!

Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!

Em fúria fóra e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fóra,

Por todas as papilas fóra de tudo com que eu sinto!

10 Tenho os lábios sêcos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

15 Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical –

Grandes trópicos humanos de ferro e fôgo e fôrça –

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,

Porque o presente é todo o passado e todo o futuro

E ha Platão e Vergílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas

20 Só porque houve outróra e fôram humanos Vergílio e Platão,

E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,

Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Êsquilo do século
cem,

a Por volta de 1917, o poema ia ser dedicado a Mário de Sá-Carneiro, tal como o registam dois esquemas já citados: 144Y-62^r e 48C-26^r.

b Veja-se a carta de 20 de Junho de 1914, de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa: «Não sei em verdade como dizer-lhe todo o meu entusiasmo pela ode do Al[varo] de Campos que ontem recebi. É uma coisa enorme, genial, das maiores entre a sua obra [...] você acaba de escrever a obra-prima do Futurismo» (115^s-16^r).

Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por
estes volantes,

Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,

25 Fazendo me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!

Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modêlo!

Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,

30 Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento

A todos os perfumes de ólios e calores e carvões

Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!

Promíscua fúria de ser parte-agente

35 Do rodar férreo e cosmopolita

Dos comboios estrénuos,

Da faina transportadora-de-cargas dos navios,

Do giro lúbrico e lento dos guindastes,

Do tumulto disciplinado das fábricas,

40 E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas

Entre maquinismos e afazêres úteis!

Grandes cidades paradas nos cafés,

Nos cafés – oásis de inutilidades ruidosas

45 Onde se cristalisam e se precipitam

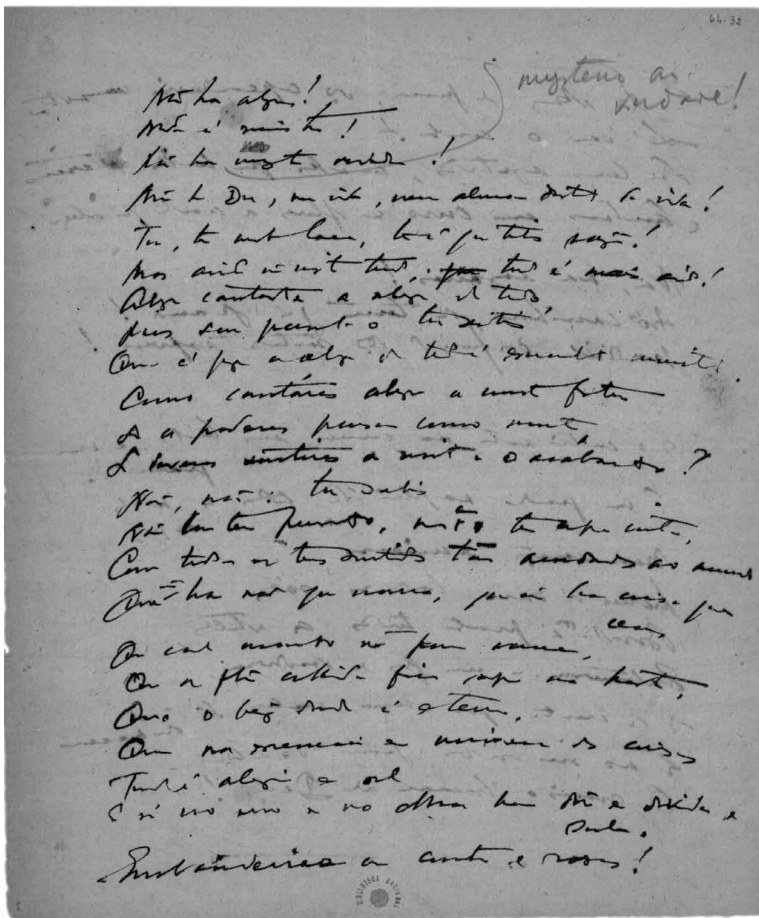
Os rumores e os gestos do Útil

E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!

Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!

Novos entusiasmos de estatura do Momento!

50 Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,



«NÃO HA ABYSMOS!» (TEXTO N.º 18)

92 CONTEMPORANEA

LISBON REVISITED (1923)

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A unica conclusão é morrer.

Não me tragam estheticas!
Não me fallem em moral!
Tirem-me d'aqui a metaphysica!
Não me apregoem systemas completos, não me enfileirem conquistas
Das sciencias (das sciencias, Deus meu, das sciencias!) —
Das sciencias, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se teem a verdade, guardem-a!

Sou um technico, mas tenho technica só dentro da technica.
Fôra d'isso sou doido, com todo o direito a sel-o.
Com todo a direito a sel-o, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, futil, quotidiano e tributavel?
Queriam-me o contrario d'isto, o contrario de qualquer cousa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciencia!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sósinho para o diabo!
Para que haveremos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sósinho.
Já disse que sou só sósinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

O' céu azul — o mesmo da minha infancia —,
Eterna verdade vazia e perfeita!
O' macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o ceu se reflecte!
O' magoa revisitada, Lisboa de outr'ora de hoje!
Nada me daes, nada me tiraes, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abysmo e o Silencio quero estar sósinho!

ALVARO DE CAMPOS

«LISBON REVISITED (1923)» (TEXTO N.º 22)

PROSA

1

PUBLICADA EM VIDA

ULTIMATUM ^a

191

[c. Nov. 1917]

Mandado de despejo aos mandarins da Europa! Fóra.

Fóra tu, Anatole France, Epicuro de pharmacopeia homeopathica, tenia-Jaurès do Ancien Régime, salada de Renan-Flaubert em louça do seculo dezesete, falsificada!

Fóra tu, Maurice Barrès, feminista da Acção, Châteaubriand de paredes nuas, alcoviteiro de palco da patria de cartaz, bolor da Lorena, algibebe dos mortos dos outros, vestindo do seu commercio!

Fóra tu, Bourget das almas, lamparineiro das particulas alheias, psychologo de tampa de braço, reles snob plebeu, sublinhando a regua de lascas os mandamentos da lei da Igreja!

Fóra tu, mercadoria Kipling, homem-practico do verso, imperialista das sucatas, epico para Majuba e Colenso, Empire-Day do calão das fardas, tramp-steamer da baixa immortalidade!

Fóra! Fóra!

Fóra tu, George Bernard Shaw, vegetariano do paradoxo, charlatão da sinceridade, tumor frio do ibsenismo, arranjista da intellectualidade inesperada, Kilkenny-Cat de ti proprio, *Irish Melody* calvinista com letra da *Origem das Especies*!

^a Note-se que a primeira parte desta proclamação está em verso; a segunda, em prosa. Daí termos retirado os avanços de linha na primeira secção, seguindo o testemunho manuscrito no caderno 144U (cf. *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009, pp. 246-273).

Fóra tu, H. G. Wells, ideativo de gesso, sacca-rolhas de papelão
para a garrafa da Complexidade!
Fóra tu, G. K. Chesterton, christianismo para uso de
prestidigitadores, barril de cerveja ao pé do altar, adiposidade
da dialectica cockney como horror ao sabão influido na
limpeza dos raciocínios!
Fóra tu, Yeats da celtica bruma á roda de poste sem indicações,
sacco de pôdres que veiu á praia do naufragio do symbolismo
inglez!
Fóra! Fóra!
Fóra tu, Rapagnetta-Annunzio, banalidade em characteres gregos,
“D. Juan em Pahtmos” (solo de trombone)!
E tu, Maeterlinck, fogaõ do Mysterio apagado!
E tu, Loti, sopa salgada, fria!
E finalmente tu, Rostand-tand-tand-tand-tand-tand-tand-tand!
Fóra! Fóra! Fóra!
E se houver outros que faltem, procurem-os ahi pra um canto!
Tirem isso tudo da minha frente!
Fóra com isso tudo! Fóra!

Ahi! Que fazes tu na celebridade, Guilherme Segundo da
Allemanha, canhoto maneta do braço esquerdo, Bismarck sem
tampa a estorvar o lume?!
Quem és tu, tu da juba socialista, David Lloyd George, bobo de
barrete phrygio feito de Union Jacks?!
E tu, Venizelos, fatia de Pericles com manteiga, cahida no chão de
manteiga para baixo?!
E tu, qualquer outro, todos os outros, assorda Briand-Dato-Boselli
da incompetencia ante os factos, todos os estadistas
pão-de-guerra que datam de muito antes da guerra! Todos!
todos! todos! Lixo, cisco, choldra provinciana, safardanagem
intellectual!

E todos os chefes de estado, incompetentes ao léu, barris de lixo
virados pra baixo á porta da Insufficiencia da Epocha!
Tirem isso tudo da minha frente!
Arranjem feixes de palha e ponham-os a fingir gente que seja
outra!
Tudo de aqui pra fóra! Tudo de aqui pra fóra!
Ultimatum a elles todos, e a todos os outros que sejam como elles
todos!
Se não querem sahir, fiquem e lavem-se!

Fallencia geral de tudo por causa de todos!
Fallencia geral de todos por causa de tudo!
Fallencia dos povos e dos destinos – fallencia total!
Desfile das nações para o meu Desprezo!
Tu, ambição italiana, cão de collo chamado Cesar!
Tu, “esforço francez”, gallo depennado com a pelle pintada de
pennas! (Não lhe dêem muita corda senão parte-se!)
Tu organizaçãõ britannica, com Kitchener no fundo do mar mesmo
desde o principio da guerra!
*(It's a long, long way to Tipperary, and a jolly sight longer way to
Berlin!)*
Tu, cultura allemã, Sparta pôdre com azeite de christismo e
vinagre de nietzschização, colmeia de lata, transbordeamento
imperialoide de servilismo engatado!
Tu, Austria-subdita, mixtura de sub-raças, batente de porta typó
K!
Tu, Von Belgica, heroica á fôrça, limpa a mão á parede que fôste!
Tu, escravatura russa, Europa de malaaios, libertação de mola
desopprimida porque se partiu!
Tu, “imperialimo” hespanhol, salero em politica, com toureiros
de sambenito nas almas ao voltar da esquina e qualidades
guerreiras enterradas em Marrocos!

Tu, Estados Unidos da America, synthese-bastardia da
baixa-Europa, alho da assorda transatlantica, pronuncia nasal
do modernismo inesthetico!

E tu, Portugal-centavos, resto de Monarchia a apodrecer Republica,
extrema-unção-enxovalho da Desgraça, collaboração artificial
na guerra com vergonhas naturaes em Africa!

E tu, Brazil, “republica irmã”, blague de Pedro Alvares Cabral, que
nem te queria descobrir!

Ponham-me um panno por cima de tudo isso!

Fechem-me isso á chave e deem a chave fóra!

Onde estão os antigos, as fôrças, os homens, os guias, os guardas?

Vão aos cemiterios, que hoje são só nomes nas lapides!

Agora a philosophia é o ter morrido Fouillé!

Agora a arte é o ter ficado Rodin!

Agora a litteratura é Barrès significar!

Agora a critica é haver bestas que não chamam besta ao Bourget!

Agora a politica é a degeneração gordurosa da organização da
incompetencia!

Agora a religião é o catholicismo militante dos taberneiros
da fé, o entusiasmo cosinha-franceza dos Maurras de
razão-descascada, é a espectacularite dos pragmatistas christãos,
dos intuicionistas catholicos, dos ritualistas nirvanicos,
angariadores de annuncios para Deus!

Agora é a guerra, jogo do empurra do lado de cá e jogo de porta do
lado de lá!

Suffoco de ter só isto á minha volta!

Deixem-me respirar!

Abram todas as janellas!

Abram mais janellas do que todas as janellas que ha no mundo!

Nenhuma idéa grande, ou noção completa ou ambição imperial de
imperador-nato!

Nenhuma idéa de uma estrutura, nenhum senso do Edificio,
nenhuma ansia do Organico-Creado!

Nem um pequeno Pitt, nem um Goethe de cartão, nem um
Napoleão de Nürnberg!

Nem uma corrente litteraria que seja sequer a sombra do
romantismo ao meio-dia!

Nem um impulso militar que tenha sequer o vago cheiro de um
Austerlitz!

Nem uma corrente politica que sôe a uma idéa-grão,
chocalhando-a, ó Caios Gracchos de tamborilar na vidraça!

Epocha vil dos secundarios, dos approximados, dos lacaios com
aspirações de lacaios a reis-lacaios!

Lacaios que não sabeis ter a Aspiração, burguezes do Desejo,
transviados do balcão instinctivo! Sim, todos vós que
representaes a Europa, todos vós que sois politicos em
evidencia em todo o mundo, que sois litteratos meneurs de
correntes europeias, que sois qualquer cousa a qualquer cousa
neste maelström de chá-môrno!

Homens-altos de Lilliput-Europa, passae por baixo do meu
Desprezo!

Passae vós, ambiciosos do luxo quotidiano, anseios de costureiras
dos dois sexos, vós cujo typo é o plebeu Annunzio, aristocrata
de tanga de ouro!

Passae vós, que sois auctores de correntes sociaes, de correntes
litterarias, de correntes artisticas, verso da medalha da
impotencia de crear!

Passae, frouxos que tendes a necessidade de serdes os istas de
qualquer ismo!

Passae, radicaes do Pouco, incultos do Avanço, que tendes a
ignorancia por columna da audacia, que tendes a impotencia
por esteio das neo-theorias!

Passae, gigantes de formigueiro, ebrios da vossa personalidade de filhos de burguez, com a mania da grande-vida roubada na dispensa paterna e a hereditariedade indesentranhada dos nervos!

Passae, mixtos; passae, deveis que só cantaes a debilidade; passae, ultra-debeis que cantais só a fôrça, burguezes pasmados ante o athleta de feira que quereis crear na vossa indecisão febril!

Passae, esterco epileptoide sem grandezas, hysteria lixo dos espectaculos, senilidade social do conceito individual de juventude!

Passae, bolor do Novo, mercadoria em mau estado desde o cerebro de origem!

Passae á esquerda do meu Desdem virado á direita, creadores de “systemas philosophicos”, Boutroux, Bergsons, Euckens, hospitaes para religiosos incuraveis, pragmatistas do jornalismo metaphysico, *lazzaroni* da construcção meditada!

Passae e não volteis, burguezes da Europa-Total, parias da ambição de parecer-grandes, provincianos de Paris!

Passae, decigrammas da Ambição, grandes só numa epocha que conta a grandeza por centimiligrammas!

Passae, provisórios, quotidianos, artistas e politicos estylo *lightning-lunch*, servos empoleirados da Hora, trintanarios da Occasião!

Passae, “finas sensibilidades” pela falta de espinha dorsal; passae, constructores de café e conferencia, monte de tijolos com pretensões a casa!

Passae, cerebraes dos arrabaldes, intensos de esquina-de-rua!

Inutil luxo, passae, vã grandeza ao alcance de todos, megalomania triumphante do aldeão de Europa-aldeia! Vós que confundis o humano como popular, e o aristocratico com o fidalgo! Vós que confundis tudo, que, quando não pensaes nada, dizeis sempre outra cousa! Chocalhos, incompletos, maravilhas, passae!

Passae, pretendentes a reis parciaes, lords de serradura, senhores feudaes do Castello de Papelão!

Passae, romantismo posthumo dos liberalões de toda a parte, classicismo em alcool dos fetos de Racine, dynamismo dos Whitmans de degrau de porta, dos pedintes da inspiração forçada, cabeças ôcas que fazem barulho porque vão bater com ellas nas paredes!

Passae, cultores do hypnotismo em casa, dominadores da visinha do lado, caserneiros da Disciplina que não custa nem cria!

Passae, tradicionalistas auto-convencidos, anarchistas deveras sinceros, socialistas a invocar a sua qualidade de trabalhadores para quererem deixar de trabalhar! Rotineiros da revolução, passae!

Passae eugenistas, organizadores de uma vida de lata, prussianos da biologia applicada, neo-mendelianos da incompreensão sociologica!

Passae, vegetarianos, *teetotalers*, calvinistas dos outros, *kill-joys* do imperialismo de sobejo!

Passae, amanuenses do “vivre sa vie” de botequim extremamente de esquina, ibsenoides Bernstein-Bataille^a do homem forte de sala de palco!

Tango de pretos, fôsses tu ao menos minuete!

Passae, absolutamente, passae!

Vem tu finalmente ao meu Asco, roça-se tu finalmente contra as solas do meu Desdem, grand finale dos parvos, conflagração-escarneo, fogo em pequeno monte de estrume, synthese dinamica do estatismo ingenito da Epocha!

Roça-te tu e rojate, impotencia a fazer barulho!

a Henrik Ibsen, Henri Bernstein e Henry Bataille tinham o mesmo primeiro nome.

Roça-te, canhões declamando a incapacidade de mais ambição que
balas, de mais intelligencia que bombas!
Que esta é a equação-lama da infamia do cosmopolitismo de tiros:

$$\frac{\text{VON BISSING}}{\text{BELGICA}} = \frac{\text{JONNART}}{\text{GRECIA}}$$

Proclamem bem alto que ninguem combate pela liberdade ou
pelo Direito! Todos combatem por medo dos outros! Não
tem mais metros que estes millimetros a estatura das suas
direcções!

Lixo guerreiro-palavroso! Esterco Joffre-Hindenburgesco!
Sentina europeia de Os Mesmos em scisão balofa!

Quem acredita nelles?

Quem acredita nos outros?

Façam a barba aos *poilus*!

Descasquetem o rebanho inteiro!

Mandem isso tudo pra casa descascar batatas symbolicas!

Lavem essa celha de mixordia inconsciente!

Atrelem uma locomotiva a essa guerra!

Ponham uma colleira a isso e vão exhibil-o para a Australia!

Homens, nações, intuitos, está tudo nullo!

Fallencia de tudo por causa de todos!

Fallencia de todos por causa de tudo!

De um modo completo, de um modo total, de um modo integral:

MERDA!

A Europa tem sêde de que se crie, tem fome de Futuro!

A Europa quer grandes Poetas, quer grandes Estadistas, quer
grandes Generaes!

Quer o Politico que construa conscientemente os destinos
inconscientes do seu Povo!

Quer o Poeta que busque a Immortalidade ardentemente, e não se
importe com a fama, que é para as actrizes e para os productos
pharmaceuticos!

Quer o General que combata pelo Triumpho Constructivo, não pela
victoria em que apenas se derrotamos outros!

A Europa quer muitos d'estes Politicos, muitos d'estes Poetas,
muitos d'estes Generaes!

A Europa quer a Grande Idéa que esteja por dentro d'estes Homens
Fortes – a idéa que seja o Nome da sua riqueza anonyma!

A Europa quer a Intelligencia Nova que seja a Fórma da sua Mateira
chaotica!

Quer a Vontade Nova que faça um Edificio com as pedras-ao-acaso
do que é hoje a Vida!

Quer a Sensibilidade Nova que reuna de dentro os egoismos dos
lacaio da Hora!

A Europa quer Donos! O Mundo quer a Europa!

A Europa está farta de não existir ainda! Está farta de ser apenas
o arrabalde de si-propria! A Era das Machinas procura,
tactecendo, a vinda da Grande Humanidade!

A Europa anseia, ao menos, por Theoricos de O-que-será, por
Cantores-Videntes do seu Futuro!

Dae Homeros á Era das Machinas, ó Destinos scientificos! Dae
Miltons á Epocha das Cousas Electricas, ó Deuses interiores á
Materia!

Dai-nos Possuidores de si-propios, Fortes Completos,
Harmonicos Subtis!

A Europa quer passar de designação geographica a pessoa
civilizada!

O que ahi está a apodrecer a Vida, quando muito é estrume para o
Futuro!

O que ahi está não pode durar, porque não é nada!
Eu, da Raça dos Navegadores, affirmo que não pode durar!
Eu, da Raça dos Descobridores, desprezo o que seja menos que descobrir um Novo Mundo!
Quem ha na Europa que ao menos suspeite de que lado fica o Novo Mundo agora a descobrir? Quem sabe estar em um Sagres qualquer?
Eu, ao menos, sou uma grande Ansia, do tamanho exacto do Possivel!
Eu, ao menos sou da estatura da Ambição Imperfeita, mas da Ambição para Senhores, não para escravos!
Ergo-me ante o sol que desce, e a sombra do meu Desprezo anoitece em vós!
Eu, ao menos, sou bastante para indicar o Caminho!
Vou indicar o caminho!

ATENÇÃO!

Proclamo, em primeiro logar,

A Lei de Malthus da Sensibilidade

Os estímulos da sensibilidade augmentam em progressão geometrica; a propria sensibilidade apenas em progressão arithmetica.

Compreende-se a importancia d'esta lei. A sensibilidade — tomada aqui no mais amplo dos seus sentidos possiveis — é a fonte de toda a criação civilizada. Mas essa criação só pode dar-se completamente quando essa sensibilidade esteja adaptada ao meio em que funcio-
na; na proporção da adaptação da sensibilidade ao meio está a grandeza e a força da obra resultante.

Ora a sensibilidade, embora varie um pouco pela influencia insistente do meio actual, é, nas suas linhas geraes, constante, e determinada no mesmo individuo desde a sua nascença, funcção do temperamento que a hereditariedade lhe infixou. A sensibilidade, portanto, progride *por gerações*.

As creações da civilização, que constitue mo “meio” da sensibilidade, são a cultura, o progresso scientifico, a alteração nas condições politicas (dando á expressão um sentido completo); ora estes — e sobretudo o progresso cultural e scientifico, uma vez começado — progridem não por obra de gerações, mas pela interacção e sobreposição da obra *de individuos*, e, embora lentamente a principio, breve progridem ao ponto de tomarem proporções em que, de geração a geração, centenas de alterações se dão nestes novos estímulos da sensibilidade, ao passo que a sensibilidade deu; ao mesmo tempo, só um avanço, que é o de uma geração, porque o pae não transmite ao filho senão uma pequena parte das qualidades adquiridas.

Temos, pois, que a uma certa altura da civilização ha de haver uma desadaptação da sensibilidade ao meio, que consiste dos seus estímulos — uma fallencia portanto. Dá-se isso na nossa epocha, cuja incapacidade de crear grandes valores deriva dessa desadaptação.

A desadaptação não foi grande no primeiro periodo da nossa civilização, da Renascença ao seculo XVIII, em que os estímulos da sensibilidade eram sobretudo de ordem cultural, porque esses estímulos, por sua propria natureza, eram de progresso lento, e attingiam a principio apenas as camadas superiores da sociedade. Accentuou-se a desadaptação no segundo periodo, que parte da Revolução para o seculo XIX, e em que os estímulos são já sobretudo politicos, onde a progressão é facilmente maior e o alcance do estímulo muito mais vasto. Cresceu a desadaptação vertiginosamente no periodo desde meados do seculo XIX á nossa epocha, em que o estímulo, sendo as creações da sciencia, produz já uma rapidez de desenvolvimento que deixa atraz os progressos da

sensibilidade, e, nas applicações practicas da sciencia, attinge toda a sociedade. Assim se chega á enorme desproporção entre o termo presente da progressão geometrica dos estímulos da sensibilidade e o termo correspondente da progressão arithmetica da propria sensibilidade.

De ahi a desadaptação, a incapacidade creativa da nossa epocha. Temos, portanto, um dilemma: ou morte da civilização, ou adaptação artificial, visto que a natural, a instinctiva falliu.

Para que a civilização não morra, proclamo, portanto, em segundo logar,

A Necessidade da Adaptação Artificial

O que é a adaptação artificial?

É um acto de cirurgia sociologica. É a transformação violenta da sensibilidade de modo a tornar-se apta a acompanhar, pelo menos por algum tempo, a progressão dos seus estímulos.

A sensibilidade chegou a um estado morbido, porque se desadaptou. Não ha que pensar em cural-a. Não ha curas sociaes. Ha que pensar em oporal-a para que ella possa continuar a viver. Isto é, temos que substituir a morbidez natural da desadaptação pela sanidade artificial feita pela intervenção cirurgica, embora envolva uma mutilação.

O que é que é preciso eliminar do psychismo contemporaneo?

Evidentemente que é aquillo que seja a *acquisição fixa* mais recente no espirito — isto é, aquella aquisição geral do espirito humano civilizado que seja anterior ao estabelecimento da nossa civilização, mas recentemente anterior; e isto por trez razões: (a) porque, por ser a mais recente das fixações psychicas, é a menos difficil de eliminar; (b) porque, visto que cada civilização se fórma por uma reacção contra a anterior, são os principios da anterior que são os mais antagonicos á actual e que mais impedem a sua adaptação ás

condições especiaes que durante esta appareçam; (c) porque, sendo a aquisição fixa mais recente, a sua eliminação não ferirá tão fundo a sensibilidade geral como o faria a eliminação, ou a pretensão de eliminar, qualquer fundo deposito psychico.

Qual é a ultima *acquisição fixa* do espirito humano geral?

Deve ser composta de dogmas do christianismo, porque a Edade Media, vigencia plena d'aquelle systema religioso, precede immediatamente e duradouramente, a eclosão da nossa civilização, e os principios cristãos são contradictados pelos firmes ensinamentos da sciencia moderna.

A adaptação artificial será portanto expontaneamente' feita desde que se faça uma eliminação das aquisições fixas do espirito humano, que derivam da sua mergencia no christianismo.

Proclamo, porisso, em terceiro logar,

A intervenção cirurgica anti-christã

Resolve-se ella, como é de ver, na eliminação dos trez preconceitos, dogmas, ou attitudes, que o christianismo fez que se infiltrassem na propria substancia da psyque humana.

Explicação concreta:

1. — **Abolição do dogma da personalidade** — isto é, de que temos uma Personalidade “separada” das dos outros. É uma ficção theologica. A personalidade de cada um de nós é composta (como o sabe a psychologia moderna, sobretudo desde a maior atenção dada á sociologia) do cruzamento social com as “personalidades” dos outros, da immersão em correntes e direcções sociaes e da fixação de vincos hereditarios, oriundos, em grande parte, de phenomenos de ordem collectiva. Isto é, no presente, no futuro, e no passado, somos parte dos outros, e elles parte de nós. Para o auto-sentimento christão, o homem mais perfeito é o que com mais verdade possa dizer “eu sou

eu”; para a sciencia, o homem mais perfeito é o que com mais justiça possa dizer “eu sou todos os outros”.

Devemos pois operar a alma, de modo a abril-a á consciencia da sua interpenetração com as almas alheias, obtendo assim uma aproximação concretizada do Homem-Completo, do Homem-Synthese da Humanidade.

Resultados d’esta operação:

(a) *Em politica*: Abolição total do conceito de democracia, conforme a Revolução Franceza, pelo qual dois homens correm mais que um homem só, o que é falso, porque *um homem que vale por dois é que corre mais que um homem só! Um mais um não são mais do que um*, enquanto *um e um* não formam aquelle *Um* a que se chama *Dois*. – Substituição, portanto, á Democracia, da Dictadura do Completo, do Homem que seja, em si-proprio, o maior numero de Outros; que seja, portanto, A Maioria. Encontra-se assim o Grande Sentido da Democracia, contrario em absoluto ao da actual, que, aliás, nunca existiu.

(b) *Em arte*: Abolição total do conceito de que cada individuo tem o direito ou o dever de exprimir o que sente. Só tem o direito ou o dever de exprimir o que sente, em arte, o individuo que sente por varios. Não confundir com “a expressão da Epoque”, que é buscada pelos individuos que nem sabem sentir por si-propios. O que é preciso é o artista que sinta por um certo numero de Outros, todos differentes uns dos outros, uns do passado, outros do presente, outros do futuro. O artista cuja arte seja uma Synthese-Somma, e não uma Synthese-Subtracção dos outros de si, como a arte dos actuaes.

(c) *Em philosophia*: Abolição do conceito de verdade absoluta. Creação da Super-Philosophia. O philosopho passará a ser o interpretador de subjectivites entrecruzadas, sendo o maior philosopho o que maior numero de philosophias expontaneas alheias concentrar. Como tudo é subjectivo, cada opinião é verdadeira para cada homem:

a maior verdade será a somma-synthese-interior do maior numero d’estas opiniões verdadeiras que se contradizem umas ás outras.

2. – **Abolição do preconceito da individualidade.** – É outra ficção theologica – a de que a alma de cada um é una e indivisivel. A sciencia ensina, ao contrario, que cada um de nos é um agrupamento de psychismos subsidiarios, uma synthese malfeita de almas cellulares. Para o auto-sentimento christão, o homem mais perfeito é o mais coerente comsigo proprio; para o homem de sciencia, o mais perfeito é o mais incoherente comsigo proprio,

Resultados:

a) *Em politica*: A abolição de toda a convicção que dure mais que um estado de espirito, o desaparecimento total de toda a fixidez de opiniões e de modos-de-ver; desaparecimento portanto de todas as instituições que se apoiem no facto de qualquer “opinião publica” poder durar mais de meia-hora. A solução de um problema num dado momento historico será feita pela coordenação dictatorial (*vide* paragrapho anterior) dos impulsos do momento dos componentes humanos d’esse problema, que é uma cousa puramente subjectiva, é claro. Abolição total do passado e do futuro como elementos com que se conte, ou em que se pense, nas soluções politicas. Quebra inteira de todas as continuidades.

b) *Em arte*: Abolição do dogma da individualidade artistica. O maior artista será o que menos se definir, e o que escrever em mais generos com mais contradicções e dissimilhanças. Nenhum artista deverá ter só uma personalidade. Deverá ter varias, organisando cada uma por reunião concretizada de estados de alma semelhantes, dissipando assim a ficção grosseira de que é uno e indivisivel.

c) *Em philosophia*: Abolição total da Verdade como conceito philosophico, mesmo relativo ou subjectivo. Reducção da philosophia

á arte de ter theorias interessantes sobre o “Universo”. O maior philosopho aquelle artista do pensamento, ou antes da “arte abstracta” (nome futuro da philosophia) que mais theorias coordenadas, não relacionadas entre si, tiver sobre a “Existencia”.

3. – **Abolição do dogma do objectivismo pessoal.** – A objectividade é uma media grosseira entre as subjectividades parciaes. Se uma sociedade fôr composta, por ex., de cinco homens, *a, b, c, d, e*, a “verdade” ou “objectividade” para essa sociedade será representada por

$$\frac{a+b+c+d+e}{5}$$

No futuro cada individuo deve tender para realizar em si esta media. Tendencia, portanto de cada individuo, ou, pelo menos, de cada individuo superior, a ser uma harmonia entre as subjectividades alheias (das quaes a propria faz parte), para assim se approximar o mais possivel d’aquella Verdade-Infinito, para a qual idealmente tende a série numerica das verdades parciaes.

Resultado:

a) Em politica: O dominio apenas do individuo ou dos individuos que sejam os mais habeis Realizadores de Medias, desaparecendo por completo o conceito de que a qualquer individuo é licito ter opiniões sobre politica (como sobre qualquer outra cousa), pois que só pode ter opiniões o que fôr Media.

b) Em arte: Abolição do conceito de Expressão, substituido por o de Entre-Expressão. Só o que tiver a consciencia plena de estar exprimindo as opiniões de pessoa nenhuma (o que fôr Media portanto) pode ter alcance.

c) Em philosophia: Substituição do conceito de Philosophia por o de Sciencia, visto a Sciencia ser a Media concreta entre as opi-

niões philosophicas, verificando-se ser media pelo seu “character objectivo”, isto é, pela sua adaptação ao “universo exterior” que é a Media das subjectividades. Desapparecimento portanto da Philosophia em proveito da Sciencia.

Resultados finaes, syntheticos:

a) Em politica: Monarchia Scientifica, anti-tradicionalista e anti-hereditaria, absolutamente expontanea pelo apparecimento sempre imprevisto do Rei-Media. Relegação do Povo ao seu papel scientificamente natural de mero fixador dos impulsos de momento.

b) Em arte: Substituição da expressão de uma epocha por trinta ou quarenta poetas, por a sua expressão por (por ex.), dois poetas cada um com quinze ou vinte personalidades, cada uma das quaes seja uma Media entre correntes sociaes do momento.

c) Em philosophia: Integração da philosophia na arte e na sciencia; desaparecimento, portanto, da philosophia como metaphysica-sciencia. Desapparecimento de todas as fórmulas do sentimento religioso (desde o christianismo ao humanitarismo revolucionario) por não representarem uma Media.

Mas qual o Methodo, o feitio da operação collectiva que ha de organizar, nos homens do futuro, esses resultados? Qual o Methodo operatorio inicial?

O Methodo sabe-o só a geração por quem grito por quem o cio da Europa se roça contra as paredes!

Se eu soubesse o Methodo, seria eu-proprio toda essa geração!

Mas eu só vejo o Caminho; não sei onde elle vae ter.

Em todo o caso proclamo a necessidade da vinda da Humanidade dos Engenheiros!

Faço mais: *garanto absolutamente a vinda da Humanidade dos Engenheiros!*

Proclamo, para um futuro proximo, a criação scientifica dos Superhomens!

Proclamo a vinda de uma Humanidade mathematica e perfeita!

Proclamo a sua Vinda em altos² gritos!

Proclamo a sua Obra em altos gritos!

Proclamo -A, sem mais nada, em altos gritos!

E proclamo tambem: Primeiro:

O Superhomem será, não o mais forte, mas o mais completo!

E proclamo tambem: Segundo:

O Superhomem será, não o mais duro, mas o mais complexo!

E proclamo tambem: Terceiro:

O Superhomem será, não o mais livre, mas o mais harmonico!

Proclamo isto bem alto e bem no auge, na barra do Tejo, de costas pra a Europa, braços erguidos, fitando o Atlantico e saudando abstractamente o Infinito!

O dynamismo colloca o ponto de partida da sua artificialização da sensibilidade no mundo externo, no objecto a descrever ou a cantar, seja qual fôr. Ora como a condição fundamental do mundo externo é a impermanencia,¹ a fôrça em continua acção, o Dynamismo interpreta tudo como fugitivo, de passagem.

Para o abstraccionismo o ponto de partida é já, não o objecto² da sensibilidade, mas o conceito mediato entre esse objecto e a propria sensibilidade. É, porisso, sobretudo intellectual.

O Sensacionismo recua ainda mais o ponto de vista da artificialização: elle já não está no conceito mesmo, mas na propria sensação inteiramente subjectiva.

A artificialização da sensibilidade³ consegue-se substituindo as condições que a natureza fornece para a manifestação de determinados phenomenos por outras condições — egualmente naturaes, é certo — onde ella se manifeste da maneira que desejamos. Assim, o unico modo de acompanharmos ◊

Dissolvida a Personalidade, a sensibilidade impessoal, vivendo a propria vida dinamica das cousas, poderá sempre acompanhá-las. Abdicando do dogma da Individualidade, a sensibilidade coexistirá com a de todos os homens, ◊⁴ Deixando o preconceito da continuidade temporal, a sensibilidade passa a existir em todas as cousas *consideradas como presentes*⁵ ◊

191a
[c. 1916]

a De dois textos de Álvaro de Campos que Fernando Pessoa publicou em vida — «Ultimatum», «Apontamentos para uma esthetica não-aristotelica» — conserva-se um vasto material preparatório e circundante. Decidimos incluir uma selecção desse material depois de cada um desses textos e remeter para as notas finais correspondentes alguns escritos mais antigos e inacabados.

NOTAS BIOGRÁFICAS



O AUTOR

Fernando Pessoa (1888-1935) é hoje o principal elo literário de Portugal com o mundo. A sua obra em verso e em prosa é a mais plural que se possa imaginar, pois tem múltiplas facetas, materializa inúmeros interesses e representa um autêntico património colectivo: do autor, das diversas figuras autorais inventadas por ele e dos leitores. Algumas dessas personagens, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, Pessoa denominou

«heterónimos», reservando a designação de «ortónimo» para si próprio. Director e colaborador de várias revistas literárias, autor do *Livro do Desassossego* e, no dia-a-dia, «correspondente estrangeiro em casas comerciais», Pessoa deixou uma obra universal em três línguas que continua a ser editada e estudada desde que escreveu, antes de morrer, em Lisboa, «I know not what to-morrow will bring» [«Não sei o que o amanhã trará»].

O CO-AUTOR

Descrito como Engenheiro Naval por Glasgow, embora não concluisse o curso («fui sempre um mau estudante», dirá), Álvaro de Campos nasceu em 1890 e ficou órfão muito cedo. Embarcou para o Oriente com 23 anos e tornou-se opiómano, como Camilo Pessanha. Pertence, explica, «a um genero de portugueses | Que depois de estar a India descoberta | ficaram sem trabalho». Viveu em inactividade, embora circule o boato de que desempenhou o cargo de Director das Obras Públicas de Bragança, até ser expulso por nada fazer.

Tinha algo de *dandy*, de Fradique, de *flâneur*, leu Blake, Whitman e Nietzsche, entre outros. Certo dia, num passeio ao Ribatejo, conheceu Alberto Caeiro, encontro epifânico a partir do qual Campos tomou Caeiro como seu mestre. Enquanto poeta, Álvaro de Campos deixou um livro inédito, intitulado *Arco de Triunfo*, e muitos poemas soltos, entre o quais «Tabacaria»; enquanto prosador, escreveu uma série de textos de intervenção e as «Notas para a Recordação do Meu Mestre Caeiro», das quais a revista *Presença* deu a conhecer cinco, em 1931.

OS EDITORES

Professor, tradutor, crítico e editor, JERÓNIMO PIZARRO é o responsável pela maior parte das novas edições e novas séries de textos de Fernando Pessoa publicadas em Portugal desde 2006. Professor da Universidade dos Andes, titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia

ANTONIO CARDIELLO é natural de Pádua, Itália, e doutorou-se na Universidade de Lisboa com a tese «'Vivem em nós inúmeros': Filosofias em Fernando Pessoa» (2012). Co-dirigiu, com Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari, o projecto de digitalização e disponibilização *online* da biblioteca particular de Fernando Pessoa (entre Abril

e Prémio Eduardo Lourenço (2013). Pizarro voltou a abrir as arcaas pessoanas e redescobriu «A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa», para utilizar o título de um dos livros da sua bibliografia. Co-edita a revista *Pessoa Plural* e dirige as colecções pessoanas da Tinta-da-china.

de 2008 e Outubro de 2010). É co-autor do livro *A Biblioteca de Fernando Pessoa* (2010), e desenvolve actividade académica regular. Cardiello interessa-se pelo pensamento português contemporâneo e pela aproximação entre tradições filosóficas ocidentais e orientais. É consultor científico da Casa Fernando Pessoa.



ÁLVARO DE CAMPOS
OBRA COMPLETA

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA
E VERLAG, E IMPRESSO NA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 80 G/M²,
NO MÊS DE SETEMBRO DE 2014.

